
Práxis folkcomunicação: o sentido de resistência da teoria beltraniana¹

Guilherme Moreira Fernandes²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Resumo

Esse artigo parte de uma pesquisa bibliográfica e documental com objetivo de perceber o sentido da pesquisa em Folkcomunicação, apontando para a necessidade de incorporação do termo “práxis” em reforço ao ideal de resistência. Realiza-se uma aproximação, sobretudo, a partir do conceito de Paulo Freire e sua interface com a teoria de Luiz Beltrão. Além da proposição conceitual, ainda em formulação, se pretende elencar novos objetos de estudo a partir do contemporâneo e da vitrine das redes sociais digitais. Como elemento conclusivo apontamos o viés epistêmico contra-hegemônico como marca dos estudos em Folkcomunicação.

Palavra-chave: Teoria da Folkcomunicação; Pesquisa em Folkcomunicação; Práxis na Comunicação; Epistemologia da Comunicação; Comunicação e Gênero.

Resumo Expandido

A ideia de práxis está presente desde a antiguidade clássica. O filósofo grego Aristóteles aborda no livro VI de *Ética a Nicômaco* a “sabedoria prática” com forte inclinação para a aplicação do “conhecimento científico”. No entanto, é a partir da filosofia econômica de Karl Marx que o termo foi consolidado na literatura acadêmica e definindo como união dialética entre teoria e prática. No Brasil, Paulo Freire traz o conceito com aplicação na Educação, cujos sentidos filosóficos podem ser pensados no âmbito da Ciência da Comunicação e é o nosso objetivo refleti-lo como sentido epistemológico da pesquisa em Folkcomunicação. Ademais, essa tentativa conceitual ainda revela características dos novos objetos de estudos da teoria formulada por Luiz Beltrão.

Este texto já parte das aproximações do pensamento de Freire e Beltrão, como demonstradas: por Marques de Melo (1998) a respeito da pedagogia; por Holthfeldt (2009) com diálogos a partir da Folkcomunicação; por Martins (2014) que incorpora o “empoderamento social” e analisa manifestações típicas do sistema da folkcomunicação, o que inclui a identificação de ativistas midiáticos. Nosso texto contribuiu para realizar as aproximações teóricas em torno da ideia de “práxis” presente

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ, professor do bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação do Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB. E-mail: guilherme.fernandes@ufrb.edu.br.

na obra *Extensão ou Comunicação?* de Freire (2006) e a forma como Beltrão incorpora pressupostos progressistas que envolvem a crença no progresso social, na igualdade, na diversidade, na justiça social, e na necessidade de mudanças positivas na sociedade; apontando também a capacidade de resistência popular que se materializa em práticas de comunicação a partir de folclore dinâmico pensado por Carneiro (1965), outro teórico de inspiração marxista.

Em termos de aproximação metodológica entre o saber-fazer-folkcomunicação, a pesquisa em folkcomunicação é de natureza empírica, diz Trigueiro (2012, p. 100): “o estudo da Folkcomunicação passa, necessariamente pela pesquisa empírica, etnográfica e participativa, que nos leva claramente para a compreensão dos diferentes processos da atualidade dos sistemas de informação, de comunicação e do conhecimento das sociedades rurbanas numa perspectiva do século XXI”. Em suas pesquisas empíricas, Trigueiro comumente cita Paulo Freire. No âmbito comunicação rural, da extensão rural e do desenvolvimento local, diversas práticas ancoradas na prática freiriana foram focos de ação de pesquisadores/as da Universidade Federal Rural de Pernambuco, berço acadêmico dos estudos de Folkcomunicação em nível de pós-graduação *stricto sensu*, legado de Roberto Benjamin (Maciel, 2012; Lima, 2017).

Destacamos dois fragmentos em que Freire caracteriza a práxis: “Práxis na qual a ação e a reflexão, solidárias, se iluminam constante e mutuamente. Na qual a prática, implicando na teoria da qual não se separa, implica também numa postura de quem busca o saber, e não de quem passivamente o recebe” (Freire, 2006, p. 80) e “A assistência técnica, na qual se pratica a capacitação, para ser verdadeira, só pode realizar-se na práxis. Na ação e na reflexão. Na compreensão crítica das implicações da própria técnica” (Freire, 2006, p. 89).

A partir de tais indicações de Freire (2006) se percebe um movimento a ser aplicado na folkcomunicação como foi percebido pelo próprio Beltrão (2012) ao ver o uso ambiental que o prof. Camilo Vianna realizou no Pará junto a SOPREN – Sociedade de Preservação dos Recursos Naturais e Culturais, primeira evidência da práxis folkcomunicação, coletada na década de 1970.

Em outro momento (Fernandes, 2022), chamamos a atenção para a necessidade do termo “práxis folkcomunicação” se vincular as diversas fases da pesquisa em comunicação, que se inicia com a etapa epistemológica. Nesse aspecto, o olhar é

direcionado para o objeto empírico com natureza contra-hegemônica, portanto de resistência, ainda que a dialética não seja o ponto de orientação epistêmica. Mesmo que se faça uso da fenomenologia da folkcomunicação, a práxis folkcomunicacional contribui para a sensibilidade do olhar ao propor um entendimento e vivência do popular, do folclórico e do marginal.

A tentativa conceitual igualmente se direciona para a identificação de ativistas midiático (Trigueiro) com atuações progressistas no âmbito das Redes Sociais Digitais. Como representantes desse movimento, se indica o canal do Youtube *Tempero Drag* de Rita von Hunty (Guilherme Terreri Lima Pereira) e a página do Instagram *@posithividades* do psicanalista Lucian Ambrós.

Referências

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação e Amazônia. In: HOHLFELDT, Antonio (Org.). **Jornalismo cultural**: temas de comunicação. São Paulo: Intercom, 2012. p. 39-44.

CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do Folclore**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1965.

FERNANDES, Guilherme M. Por uma práxis folkcomunicacional: ideias iniciais. In: SCHMIDT, Cristina; HOHLFELDT, Antonio; MERGULHÃO, Eliane (Org.). **A comunicação dos marginalizados nas rupturas democráticas**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2022. p. 115-140.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

HOHLFELDT, Antonio. A Comunicação enquanto diálogo em Paulo Freire e Luiz Beltrão. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. Ano 6, nº 11 (2º sem. 2009), p. 94-102, 2009.

LIMA, Irenilda. Comunicação rural, extensão rural e os aportes teóricos de Roberto Benjamin na atualização do conceito. In: FERNANDES, Guilherme M. et al (Org.). **Roberto Benjamin: pesquisas, andanças e legado**. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 271-282.

MACIEL, Betania. Folkcomunicação e desenvolvimento local. In: LOPES FILHO, Boanerges et al. (Org.). **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012. p. 43-51.

MARQUES DE MELO, José. A comunicação na pedagogia de Paulo Freire. In: MARQUES DE MELO, José. **Teoria da Comunicação**: paradigmas latino-americanos. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 258-283.

MARTINS, Júnia M. D. **Manifestações folkcomunicacionais como propulsoras de empoderamento social no Ponto de Cultura Estrela de Ouro, em Aliança-PE**. 2014. 260f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

TRIGUEIRO, Osvaldo. Os caminhos da Folkcomunicação na atualidade: perspectivas para o século XXI. In: LOPES FILHO, Boanerges et al. (Org.). **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012. p. 91-101.